

OS EFEITOS DO SUPORTE PSICOLÓGICO REALIZADO DURANTE O PROCESSO DE ACOLHIMENTO FAMILIAR SOB A ÓTICA DA FAMÍLIA ACOLHEDORA

Cristiane VANZUITA ¹
Marina MACHADO ²
Joyce Gomes CAMAPUM ³
joyce.camapum@fag.edu.br

RESUMO

Esse artigo é resultado de uma pesquisa de campo acerca dos efeitos do acompanhamento psicológico realizado pela equipe técnica do Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora (SFA) com as famílias acolhedoras da região oeste do Paraná. O serviço de acolhimento familiar é uma medida de proteção de alta complexidade, sendo componente do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) que visa a proteção e a garantia de direitos para crianças e adolescentes em situação de violação de direitos. No processo de acolhimento, a família acolhedora é fundamental para o funcionamento do serviço, e assim como o indivíduo acolhido e a família de origem, ela é acompanhada pela equipe técnica do serviço. Neste estudo, pelo método de seleção por busca ativa, foram selecionados quatro integrantes de famílias acolhedoras que já participaram de algum serviço de acolhimento familiar na região oeste do Paraná e que já realizaram dois ou mais acolhimentos. Com o consentimento dos participantes, utilizou-se como instrumento de coleta de dados um roteiro de entrevista semiestruturado. Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, abordagem qualitativa e em relação aos objetivos, uma pesquisa descritiva. As etapas para a construção desta pesquisa consistiram em: transcrições e organização das entrevistas, os dados foram compilados em uma listagem e, por fim, analisados, utilizando o método análise de conteúdo (BARDIN, 1997), a fim de identificar padrões, tendências e diferenças significativas. Os resultados obtidos indicaram que o acompanhamento psicológico realizado pela dupla psicossocial da equipe técnica do SFA causa impacto positivo às famílias acolhedoras.

Palavras-chave: Acompanhamento psicológico; equipe técnica; dupla psicossocial.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz - FAG. E-mail: cvanzuita@minha.fag.edu.br

² Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz - FAG. E-mail: mmachado4@minha.fag.edu.br

³ Orientadora, Psicóloga Especialista, Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz - FAG. E-mail: joyce.camapum@fag.edu.br

THE EFFECTS OF PSYCHOLOGICAL SUPPORT PROVIDED DURING THE PROCESS OF FAMILY FOSTERING FROM THE PERSPECTIVE OF THE FOSTER FAMILY

Cristiane VANZUITA ¹
Marina MACHADO ²
Joyce Gomes CAMAPUM ³
joyce.camapum@fag.edu.br

ABSTRACT

This article is the result of a field research on the effects of psychological support provided by the technical team of the Family Support Service (FSS) with foster families in the Western region of Paraná. Foster care is a high-complexity protective measure and is a component of the Unified Social Assistance System (USAS) aimed at protecting and ensuring the rights of children and adolescents in situations of rights violation. In the foster care process, the substitute family is essential for the service to function, and like the cared-for individual and the biological family, it is also supported by the technical team of the service. In this study, using the active search selection method, four members of foster families who were already involved in some foster care service in the Western region of Paraná and were providing care in two or more placements were selected. With the participants' consent, a semi-structured interview guide was used as the data collection instrument. This is basic research with a qualitative approach, and in terms of objectives, it is descriptive research. The stages of constructing this research involved the transcription and organization of the interviews, with the data compiled into a list and finally analyzed using the content analysis method (BARDIN, 1997) to identify patterns, trends, and significant differences. The results obtained indicated that the psychological support provided by the psychosocial team of the SFA has a positive impact on foster families.

Key words: Psychological follow-up; technical team; psychosocial duo.

¹ Psychology student at the University Center of Assis Gurgacz Foundation - FAG. Email: cvanzuita@minha.fag.edu.br

² Psychology student at the University Center of Assis Gurgacz Foundation - FAG. Email: mmachado4@minha.fag.edu.br

³ Advisor, Specialist Psychologist, Lecturer at the Psychology Course of the University Center at Assis Gurgacz Foundation - FAG. Email: joyce.camapum@fag.edu.br

1 INTRODUÇÃO

1.1 O SERVIÇO DE ACOLHIMENTO EM FAMÍLIA ACOLHEDORA

Com o intuito de promover a proteção da criança e do adolescente em vulnerabilidade, desde a década 1990 no Brasil ocorriam iniciativas de acolhimento em famílias acolhedoras devido às necessidades e circunstâncias de determinadas localidades, mas apenas em 2004, com a aprovação da Política Nacional de Assistência Social, a PNAS (BRASIL, 2004), originou-se o Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora (SFA), como uma medida protetiva na Proteção Social Especial de Alta Complexidade (PINHEIRO e VIDIZ, 2021a), desta forma, operando como uma política pública (VALENTE, 2013) e sendo contemplada no Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa de Direitos de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária, de 2006 (BRASIL, 2009). Previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), o acolhimento familiar objetiva promover a proteção de crianças e adolescentes afastadas temporariamente de seus familiares ou responsáveis de origem, por motivos judiciais.

Conforme as autoras Pinheiro e Vidiz (2021b), o Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora compõe o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), sendo assim, sua implementação fica à responsabilidade do órgão gestor da Política de Assistência Social da região. O serviço visa atendimento municipal (para cidades de pequeno, médio e grande porte, ou metrópoles) e pode ser ofertado por região, atendendo a municípios de pequeno porte que não tenham condições para mantê-lo individualmente devido à baixa demanda. O Estatuto da Criança e do Adolescente preconiza o acolhimento institucional e o acolhimento familiar como medidas provisórias, dado a um momento transitório, onde o indivíduo tem a possibilidade de retornar à família de origem ou ainda, não sendo possível a reintegração familiar, ser direcionado a uma família substituta (BRASIL, 1990).

O SFA é responsável por organizar o acolhimento temporário, em famílias acolhedoras cadastradas, de indivíduos de 0 a 18 anos, que por medida protetiva foram afastados do convívio familiar. Cada família acolhedora pode acolher apenas uma criança/adolescente por vez, entretanto, se tratando de grupo de irmãos, o número pode ser alterado conforme avaliação, a fim de verificar se o acolhimento em família acolhedora é o que melhor se adequa ao caso (BRASIL, 2009). O tempo de acolhimento pode ser classificado como acolhimento emergência, em que a medida pode durar alguns dias ou apenas uma noite, acolhimento de curta ou média permanência, podendo durar semanas ou meses, e o acolhimento de longa permanência, onde a

permanência pode ser de vários anos, este só ocorre em casos em que não há possibilidade de reintegração à família de origem e nem alternativa para adoção (PINHEIRO e VIDIZ, 2021c).

O funcionamento do SFA acontece em etapas. Inicialmente é realizada a divulgação do serviço, haja vista que a participação da comunidade é indispensável para a execução dos trabalhos. Realizada a divulgação, é o momento de receber as inscrições das famílias, esta etapa deve ser simples, sendo por meios eletrônicos, contato telefônico ou até presencialmente com a equipe. Recomenda-se a criação de um formulário que contemple as informações dos interessados, como: dados pessoais, endereço completo e dados para contato, composição familiar e informações de como soube do serviço de acolhimento familiar. A partir dessas informações, é indicado que os candidatos sejam convidados a uma reunião em que a proposta será apresentada detalhadamente, de forma a oferecer informações sobre o funcionamento do SFA (PINHEIRO e VIDIZ, 2021d).

Em sequência, é realizado o processo de seleção pela equipe com base nos critérios de qualificação do município estabelecidos pela lei municipal vigente. Selecionadas as famílias, ocorre a capacitação e por fim, a formalização da inscrição no serviço. Fica incumbida à coordenação do Serviço de Justiça da Infância e Juventude a responsabilidade de encaminhar os documentos que possibilitem a emissão do termo de guarda e responsabilidade, no caso da ocorrência de um acolhimento (BRASIL, 2009).

1.2 A FAMÍLIA ACOLHEDORA

A Constituição Federal de 1988, nos artigos 226 e 227, estabelece que a família, como base da sociedade, deve receber proteção especial por parte do Estado. Ademais, é atribuída à família, à sociedade e ao próprio Estado a responsabilidade de assegurar:

à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988, art. 227).

O serviço de acolhimento familiar depende exclusivamente da participação voluntária da comunidade (PINHEIRO e VIDIZ, 2021d) e essa modalidade contribui para a preservação dos aspectos subjetivos da criança/adolescente, sua história e seus vínculos (BRASIL, 2006).

Com base nos estudos de Suster (2017) e Santana (2022) acerca dos motivos que levaram famílias acolhedoras a participarem do serviço de acolhimento familiar, destacamos

alguns resultados relevantes. Suster (2017) descreve que dentre os principais motivos que inclinam uma família a participar do serviço de acolhimento familiar está o desejo de serem solidários, e Santana (2022) notou que as motivações predominantes têm relação com oferecer afeto e acolhida, a garantia de proteção e apoio no desenvolvimento do indivíduo. Mais do que isso, os resultados mostraram que as famílias têm conhecimento do seu papel enquanto cidadãos, além do conhecimento do serviço.

Ter disponibilidade, flexibilidade e estar aberta a novas experiências e aprendizados são características indispensáveis para uma família acolhedora. Na maioria dos casos, as crianças e/ou adolescentes que estão em medida protetiva vivenciaram alguma situação em que seus direitos e segurança foram violados. O processo de preparação e capacitação tende a resultar na conclusão da própria família se está preparada ou não para assumir a responsabilidade do acolhimento familiar (PINHEIRO e VIDIZ, 2021d).

A família acolhedora deve, dentre suas atribuições, manter a convivência entre irmãos e parentes (no caso do acolhimento realizado por famílias diferentes), responsabilizar-se por todas as atividades rotineiras da criança e/ou adolescente, e com apoio da equipe para providenciar atendimentos que, preferencialmente, sejam na rede pública. Também deve comunicar à equipe do SFA todas as situações e dificuldades durante o acolhimento, independente de qual parte se trata, seja da própria família acolhedora, do acolhido ou da família de origem (BRASIL, 2009).

1.3 O ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO DO SERVIÇO DE ACOLHIMENTO FAMILIAR

É responsabilidade da equipe técnica, assim que o acolhimento familiar for solicitado, iniciar o processo de preparação e acompanhamento psicossocial dos envolvidos, da criança/adolescente acolhido, da família nuclear, da rede social de apoio e da família acolhedora (BRASIL, 2009). Neste processo, é importante que a equipe intermedeie o primeiro contato do indivíduo acolhido com a família acolhedora, auxiliando na fase de adaptação, permitindo contato com a família de origem, entre outras ações facilitadoras. Em equipes com mais de uma dupla psicossocial (geralmente compostas por Psicóloga e Assistente Social), o SFA define a dupla de referência do acolhimento para cada família acolhedora (PINHEIRO e VIDIZ, 2021e).

No que diz respeito ao acompanhamento das famílias acolhedoras, conforme descrito nas Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes (BRASIL, 2009), a equipe técnica do Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora pode auxiliá-las na

preparação para a recepção do acolhido, fornecendo as informações sociojurídicas e, caso possível, o período de duração previsto para o acolhimento. Realiza a construção do plano de acolhimento, considerando as necessidades e respeitando as particularidades e características, tanto da criança/adolescente quanto dos integrantes da família acolhedora. Além disso, o acompanhamento é realizado por visitas domiciliares e entrevistas frequentes, que acontecem quinzenalmente ou conforme as particularidades definidas no planejamento. É importante que seja construído um espaço de partilha de experiências entre as famílias acolhedoras atuantes, em interações em grupo, por exemplo.

O SFA propõe a frequência de acompanhamentos em grupos com outras famílias acolhedoras, a fim de dividir experiências, sanar dúvidas, reflexões, apoio emocional e trocas, podendo aprender umas com as outras, sobre questões relacionadas ao cuidado com a criança, e/ou adolescente (PINHEIRO e VIDIZ, 2021e). O foco das ações da equipe técnica em conjunto com a família acolhedora é a adaptação e o desenvolvimento do acolhimento (BRASIL, 2009), garantindo aquilo que é previsto no art. 277 da Constituição Federal (BRASIL, 1988).

O suporte psicológico vinculado ao serviço possibilita que a família acolhedora esteja devidamente preparada para lidar com as diferentes fases do desenvolvimento da criança e/ou adolescente, promovendo seu crescimento saudável. Essas fases têm necessidades essenciais que são atendidas principalmente em um ambiente harmonioso e afetuosos, onde a existência de regras e limites é fundamental para garantir um bom desenvolvimento (PAPALIA e FELDMAN, 2013). A relevância da família acolhedora reside na construção de um trabalho dedicado ao cuidado da criança e/ou adolescente, e o papel da relação com a equipe técnica é fundamental nesse processo. Por meio do diálogo, da abertura e da sinceridade, é possível estabelecer colaboração efetiva entre a equipe técnica e a família acolhedora (PINHEIRO e VIDIZ, 2021e).

Além de realizar acompanhamento contínuo da família acolhedora, o Serviço de Acolhimento Familiar (SFA) estabelece métodos para assegurar a qualidade do acolhimento, com regras, estrutura e diretrizes específicas para a prática diária. Embora exista uma estrutura a ser seguida, cada acompanhamento é adaptado de acordo com as necessidades individuais. Por exemplo, uma família que está começando no SFA requer maior proximidade entre a equipe e a família, enquanto uma família que já está no serviço há mais tempo e entende dos recursos, das regras e dos cronogramas a serem seguidos, pode necessitar de um acompanhamento mais reduzido. Essa adaptação depende da demanda de cada caso, mas é importante ressaltar que ambas as famílias precisam de um acompanhamento contínuo. Para o atendimento individual, é definida uma dupla psicossocial de referência do acolhimento e acompanhamento de cada

família acolhedora, o mesmo acontecerá mediante visita domiciliar à família acolhedora, atendimento na sede do SFA, atendimento externo com a participação da criança e/ou adolescente (PINHEIRO e VIDIZ, 2021e).

O acompanhamento realizado com todas as famílias pode ter durações variadas, dependendo das demandas situacionais específicas, podendo ser semanal, quinzenal ou até mensal. Durante esse acompanhamento, a equipe trabalhará questões objetivas, tais como: dúvidas rotineiras, demandas, necessidades, orientações acerca dos cuidados da criança e do adolescente, informações sobre a família de origem e o andamento do processo; e subjetivas: questões relacionadas a si mesmo, como angústias, preocupações, medos, sentimentos despertados pelo acolhido (PINHEIRO e VIDIZ, 2021e).

Os encontros da família acolhedora com a equipe técnica são indispensáveis, pois é importante entender o ambiente em que o acolhido está inserido, para avaliar se o mesmo contribui para um bom desenvolvimento e observar como ele está se adaptando a esse novo ambiente. Além dessas visitas, o SFA possui contato frequente com as famílias para casos de emergência ou necessidades, contam com um profissional de plantão disponibilizado para essas situações. Uma das estratégias tomadas pelo SFA para assegurar a qualidade do acolhimento são os acompanhamentos em grupos, ofertados em espaços especiais para reflexão, apoio emocional e trocas, as famílias podem aprender umas com as outras, questões relacionadas ao acolhimento e sua vivência. Essas reuniões acontecem mensalmente, contribuindo para suporte emocional e para a formação continuada das famílias (PINHEIRO e VIDIZ, 2021e).

2 MÉTODOS

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP/FAG, assim, a coleta de dados para a investigação foi realizada por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado aplicado aos representantes das famílias acolhedoras selecionadas que atenderam aos critérios de inclusão. Posterior aos procedimentos citados, iniciou-se o processo de análise dos dados coletados, no qual se utilizou da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1997), elencando os eixos temáticos e as categorias de análise encontradas nos dados da pesquisa, possibilitando a interpretação dos resultados, a partir dos quais foi elaborada a conclusão deste estudo.

O referido trabalho se caracterizou, em relação a sua natureza, como uma pesquisa básica, pois não necessita de aplicabilidade prática e contribui para os avanços do conhecimento

científico. Em relação à abordagem do problema, refere-se a uma pesquisa qualitativa. No que se refere aos objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva. E no que diz respeito aos procedimentos técnicos, foi empregada uma pesquisa de campo (PRODANOV e FREITAS, 2013) com a realização de uma entrevista com base em um roteiro de entrevista semiestruturado composto por 9 (nove) questões.

A seleção dos participantes foi realizada por busca ativa, foram selecionados os que atenderam os seguintes critérios de inclusão: participaram de algum serviço de acolhimento familiar na região Oeste do Paraná por no mínimo 6 (seis) meses e que realizaram 2 (dois) ou mais acolhimentos durante o período em que estavam inscritos no serviço, através do método de seleção busca ativa para atingir a amostra desejada de 5 (cinco) participantes. As ferramentas utilizadas foram: ligação telefônica, redes sociais, aplicativos de celulares (WhatsApp®, Facebook®, Instagram®) ou presencialmente, que resultaram na amostra de 4 (quatro) participantes de famílias acolhedoras. Os dados foram coletados em setembro de 2023, após a seleção dos participantes.

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a realização das entrevistas, as quais foram transcritas e organizadas, os dados foram compilados em uma listagem em que foi realizada a análise, para a identificação dos padrões, tendências e diferenças significativas entre as falas dos participantes, utilizando o método da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1997). Com isso, pretende-se identificar o impacto do acompanhamento durante o acolhimento familiar para as famílias acolhedoras, verificar qual o papel do Psicólogo no acompanhamento realizado pela dupla psicossocial, observar se as atividades propostas pela equipe do serviço são relevantes às famílias acolhedoras e identificar, na perspectiva da família acolhedora, os efeitos do acompanhamento psicológico realizado pela equipe técnica no serviço de acolhimento familiar.

Assim, após a análise das entrevistas e com base na literatura e legislação acerca do Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora foram definidos 4 eixos para a discussão dos resultados, são eles: o relacionamento da família acolhedora com a equipe técnica; o acompanhamento realizado pela equipe técnica no processo do acolhimento; o protagonismo da família acolhedora no serviço de acolhimento familiar; e as atividades grupais propostas pela equipe técnica para as famílias acolhedoras.

3.1 RELACIONAMENTO DA FAMÍLIA COM A EQUIPE TÉCNICA

As famílias acolhedoras são verdadeiramente parceiras na edificação do trabalho do Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora (SFA), tanto no cuidado diário com as crianças e/ou adolescentes, quanto na recepção de sua história familiar. Por isso, é vital que a relação da equipe técnica com a família acolhedora seja de corresponsabilidade, construída diariamente a partir do diálogo, da abertura e da veracidade, resultando na indispensável relação de confiança mútua (PINHEIRO e VIDIZ, 2021e). É possível identificar tais aspectos na fala da P1, em que relata a satisfação com a relação da equipe e sua família:

A equipe é muito boa, eu vejo assim que a equipe da família acolhedora com a família que acolhe, é uma família. Eles lá e a gente em casa, aqui é tudo uma família. Não tem aquela divisão não, é tudo uma família. Tá todo mundo incluso, muito humanos, todos que eu conheci, eu já estou na terceira equipe.

Sabe-se que uma das bases para um bom acolhimento é obter um acompanhamento eficaz com a família acolhedora. O suporte deve se iniciar com a proximidade, oferecendo assistência contínua, construindo a confiança entre ambos (PINHEIRO e VIDIZ, 2021e), cujo relacionamento é extremamente importante para o bom desenvolvimento do indivíduo acolhido, que é o principal objetivo. Nesse sentido, destacam-se alguns relatos dos participantes sobre esse processo: a P2 relata *“nossa comigo sempre foi muito boa com a gente, é eu sempre tive atendimento excelente assim sempre se damos muito bem”*; a P4 nos diz *“com a primeira criança, foi excelente, foi excelente, sabe? A gente trocava ideia”*; e a P3 aponta *“Eles é assim, ajuda no que é preciso, até que nem o psicóloga, né? A psicóloga, ela ajuda até a gente emocionalmente, né? Trabalhar com a criança no meu caso, foi uma adolescente, né!? [...] E elas nessa parte, elas orientavam muito a gente também, né!?”*.

O SFA exige preparação ainda mais intensa por parte da equipe técnica e da família acolhedora, quando se trata de indivíduos que possuem algum tipo de problema de saúde física, mental ou deficiência, sendo assim, os benefícios para o acolhimento por parte de famílias acolhedoras para crianças e adolescentes em geral, se comparando com o Acolhimento institucional são mais eficazes. No entanto, esse cenário exige uma preparação mais ativa por parte da equipe técnica e da família acolhedora, bem como uma reflexão profunda sobre o perfil da família e a disponibilidade dela para oferecer esse acolhimento. Portanto, o SFA dispõe de um papel importante para criar um perfil de acolhimento adequado para as crianças e/ou adolescentes. Em todos os casos, é importante promover um diálogo constante entre a família acolhedora e a equipe técnica, permitindo que a família possa expressar suas limitações e

necessidades ao longo do processo. Uma família acolhedora deve sentir-se à vontade para buscar ajuda quando necessário, e é crucial manter comunicação aberta e sólida entre os técnicos e os acolhedores (PINHEIRO e VIDIZ, 2021e).

Algumas famílias acolhedoras podem ter filhos e, nesse caso, é crucial envolvê-los na discussão sobre o SFA e as mudanças que acontecerão. Durante a seleção, formação e visitas domiciliares, a equipe deve conversar com os filhos da família que acolherá, ajudando a entender preocupações e fornecendo apoio para lidar com soluções desafiadoras, como avanços e dificuldades de vinculação (PINHEIRO e VIDIZ, 2021e). A P3 relata sobre a experiência como sua família participou e foi incluída no processo de acolhimento: “*mas nossa por mim eu acolhia mais 10 [...] minha família gostou, meu menino adorou. Eu amo minha menina, e ele (filho), falou que a ama*”. A participante também aponta a importância do comprometimento da família que está acolhendo junto à criança e/ou adolescente:

Tem que ser a família toda. Não adianta eu só com meu marido querer, tem que ser a família. [...] É a família, né? Porque na minha presença ele vai se sentir bem. Eu saio. Aí ele tem que ter outra pessoa. [...] Então, sozinha, a gente não pode. Tem que ser família acolhedora mesmo, não é o casal, ou se alguém da família falar eu não quero daí a gente não consegue né, ter opinião de todos, é muito legal.

Ademais, o preparo e a qualificação da família se baseiam no papel da equipe do serviço de acolhimento familiar, e deve garantir o sucesso do acolhimento, ela tem alta complexidade e exige capacitação. De acordo com o Manual de Acolhimento Familiar, estão entre as atribuições da equipe, acompanhar as famílias acolhedoras de forma sistemática, essa atribuição deve acontecer durante o período de readaptação após a reintegração familiar e apoiar no desenvolvimento de estratégias para equilibrar o cuidado da criança ou adolescente com outras responsabilidades familiares (PARANÁ, 2018). Portanto, entende-se que a família, estando preparada para lidar com os cuidados integrais do indivíduo, proporciona um lugar seguro ao acolhido, longe de qualquer negligência, e este preparo é possível quando se estabelece um relacionamento de confiança entre a equipe técnica do serviço e a família acolhedora.

3.2 ACOMPANHAMENTO REALIZADO PELA EQUIPE TÉCNICA COM AS FAMÍLIAS ACOLHEDORAS

A atuação da equipe técnica do Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora acontece desde os primeiros contatos da família acolhedora, de acordo com as orientações técnicas para serviços de acolhimento com crianças e adolescentes (BRASIL, 2009). A atuação

da equipe técnica (dupla psicossocial) do SFA com as famílias acolhedoras em que são responsáveis envolve a elaboração de um plano de acompanhamento, levando em consideração as necessidades da família durante o período de acolhimento, e com frequência de visitas no mínimo quinzenal. Pinheiro e Vidiz (2021e) apontam que, dependendo da situação, este contato pode variar entre semanal, quinzenal ou até mensal, além disso, destacam que, no início do acolhimento do indivíduo, é habitual que esse contato seja mais frequente. Acerca da frequência de visitas, a P2 relata que:

Sim, a gente tem uma equipe técnica que faz o acompanhamento né, de Psicóloga, assistente social, sendo uma vez por semana o atendimento, mesmo sem avisar quando você ver, eles estão ali, ou quando precisa também, eles entram em contato né, existe uma equipe que cuida da gente sim.

E diante do questionamento a respeito da frequência desse acompanhamento, se permaneceu da mesma forma ou mudou, ela relata: *“É só no início do acolhimento, aí depois só quando a gente necessita, porque a demanda é muito grande né, falta profissionais nessa área”*. A P1 destaca que o tempo em que a família acolhedora está atuando no SFA e as experiências influenciam na frequência do contato presencial, dizendo: *“Eu acho que é quando eles não têm conhecimento com a pessoa, no caso com a família acolhedora, eu penso que é isso porque eles não aparecem aqui, eles sempre deixam um recadinho, né: ‘se precisar me chama’”*. A participante ainda aponta que um dos fatores que pode impactar na frequência do contato da equipe técnica por visitas domiciliares, por exemplo, seria o tempo de atuação enquanto família acolhedora.

Todas as famílias acolhedoras entrevistadas, indicaram que, inicialmente, a frequência do contato e dos encontros com a equipe eram maiores, visto que seria um período de adaptação para a criança/adolescente e para a família acolhedora que a recebe. É possível notar na fala da P1, que são nos momentos iniciais ou de alguma transição em que há maior participação da equipe:

Quando tá lá no processo de transferência, transferência ou adoção, aí a equipe é bem contínua, é presente, agora como as crianças, as minhas crianças, graças a Deus, são assim, principalmente saudáveis, então eu não tenho muito... assim a gente não se visita muito, pelo fato das crianças serem saudáveis.

A P4 também aponta: *“as visitas que eu tinha, eram mensais, mas com o tempo eles tentaram contato com o pai e aí as visitas ficaram mais frequentes”*. Compreendendo que, nos casos em que há maior complexidade ou que os acolhidos estão a pouco tempo com a família acolhedora, a frequência do contato da equipe técnica é maior, a P1 diz: *“olha no começo*

quando não tem tanto vínculo nem conhecimento eles aparecem, aparece muito frequente, assim, do nada.”. O discurso dos entrevistados também indica que as visitas costumam acontecer conforme a necessidade da família acolhedora e a complexidade do caso, conforme relata a P3:

Então recebi sim, uma psicóloga e uma assistente social, ela assim, em todo momento que a gente tem alguma dúvida, ela vem na casa da gente, assim, duas vezes por semana, uma vez, conforme a gente necessita. Se sente, né? Que precisa, elas vêm acompanhar.

Conforme Pinheiro e Vidiz (2021c), a equipe técnica trabalha fornecendo orientações, mantendo contato de maneira remota ou presencial, até mesmo por meio de visitas domiciliares. Além disso, desempenha um papel fundamental ao supervisionar e apoiar a família acolhedora na criação de projetos e atividades que assegurem a preservação da história de vida e experiências da criança e/ou adolescente, tanto antes, quanto durante o período de acolhimento. Diante das falas dos entrevistados, identificou-se que nos Serviços de Acolhimento em Família Acolhedora, nos quais atuaram as equipes responsáveis, realizavam esse acompanhamento, conforme relata a P3: *“Eles é assim, ajuda no que é preciso, até que nem a psicóloga, né? A psicóloga, ela ajuda até a gente emocionalmente, né? Trabalhar com a criança, no meu caso, foi uma adolescente, né?”.* A P4 também relata: *“Elas me orientaram bastante. Eu gostei dessa parte”.* A P1 menciona contatos remotos via aplicativo de mensagens (WhatsApp®): *“eles trouxeram a acolhida, depois eles vieram mais uma vez, no aniversário da acolhida, umas duas vezes logo na primeira semana e depois a gente fala pelo ‘zap’ (WhatsApp)”.* Quando questionada se a frequência dos contatos acontecia, na maioria das vezes, via aplicativo de mensagens em relação aos encontros presenciais e/ou visitas domiciliares, a P1 relata:

Assim, se solicita é rápido e eles vêm, é porque eu falo para ela se precisar eu chamo, ela sempre fala: ‘Dona’, se precisar liga para nós, chama a gente. ‘Com a acolhida tá tudo bem?’ tá tudo bem! Mando foto da acolhida, então assim, eu só vou chamar eles mesmo se eu ver necessidade.

Com base nos dados analisados, percebe-se que tal acompanhamento sistematizado de fato acontece conforme o previsto nos Guias de Acolhimento Familiar. As famílias acolhedoras entrevistadas de fato recebem e reconhecem tal acompanhamento realizado pela equipe técnica (dupla psicossocial) e que acontecem por meio de visitas domiciliares, telefonemas, troca de mensagens por aplicativo (WhatsApp®) e por encontros no local em que está a sede do SFA do município do qual faziam parte. Quanto à frequência desses contatos entre a equipe e a família acolhedora, ele é variável conforme o caso, envolvendo fatores como a adaptação do

acolhido, da família acolhedora e a complexidade das motivações que levaram à medida de proteção do indivíduo.

3.3 A FAMÍLIA ACOLHEDORA COMO PARTE FUNDAMENTAL DO SFA

O ser humano é inerentemente social, portanto, constitui-se a partir das experiências e interações com outras pessoas e com o ambiente à sua volta, sendo assim, compreende-se que o sentimento de pertencimento e a convivência familiar e social são essenciais para a construção da identidade e da individualidade. Os vínculos estabelecidos no ambiente familiar na infância e na adolescência oferecem segurança para que invistam em outras relações interpessoais. As experiências adquiridas, tanto nas interações familiares quanto nas demais interações sociais, fornecem exemplos para que construam e/ou ampliem seu repertório social e relacional (PINHEIRO e VIDIZ, 2021a). Portanto, a atenção e os cuidados na vivência familiar, além de serem um direito constitucional, são extremamente importantes para o desenvolvimento saudável do indivíduo (PARANÁ, 2018). Compreendendo a importância da participação da comunidade na modalidade do acolhimento familiar, entende-se que as famílias acolhedoras são parte fundamental para a realização do trabalho no SFA. Nessa perspectiva, o acompanhamento realizado também envolve as questões da própria família acolhedora (PINHEIRO e VIDIZ, 2021c; 2021d).

Nas entrevistas realizadas, identificou-se que, muitas vezes, o foco por parte da própria família acolhedora no acompanhamento realizado pela equipe é apenas a respeito do acolhido, como relata a P1:

O que eu posso resolver é um probleminha de gripe um negócio assim. Agora, essas crianças, elas vêm com muita bagagem, muita bagagem nas costas. E olha, para eles (equipe técnica), eles têm poucas pessoas, muito poucas pessoas, precisa de muita gente, não é duas pessoas só.

Posteriormente, a participante diz:

Eu não estudei, fiz o segundo ano, e quantos anos faz isso? Eu tenho feito o melhor que eu posso, mas é pouco ajudar a preparar uma criança para esse mundo onde nós estamos indo, é pouco. Por mais que esse povo corra lá, elas estão aqui, de repente esse telefone toca, elas têm que sair para outro atendimento. Elas correm muito, é por isso que eu falo que elas se esforçam bastante, mas falta gente.

Dentre as respostas aos questionamentos sobre o acompanhamento realizado pela equipe técnica, a P3 aponta: *“A gente tem, como família acolhedora, ajudar elas, né? Porque as crianças, o importante é elas, o acolhido no caso ali, né? O mais importante é isso.”*. Esse

ênfoque nas questões do acolhido reforça o fato de que as famílias acolhedoras entendem seu propósito no serviço e o trabalho da equipe técnica, conforme relata a P1:

Tem tantas crianças que eu sei que tem problema sério. E para eles também... são muito corridos, o que eu posso resolver aqui eu resolvo, porque assim, não é necessário... eu que tomei essa posição, não ficar chamando eles toda hora por uma gripe de uma criança, é só levar no posto.

Também relata, a P3, sobre o trabalho da equipe técnica: *“Ajuda muito a gente, e o acolhido também, ele se sente mais seguro, né?”*. Em concordância com seu papel como família acolhedora e o trabalho de acompanhamento da equipe técnica, a P4 aponta:

Foi o que eles fizeram na primeira vez que eu estava com uma criança, com o menino. Eles tiravam todas as minhas dúvidas, eles davam orientações, entendeu? Conversavam com ele aquilo que eu queria que elas... olha, eu acho que é interessante vocês conversarem com ele também sobre tal coisa... então foi muito bom, sabe? Foi muito bom, foi muito interessante e eu estava assim, muito contente de fazer parte da família acolhedora, era um sonho para mim.

Dessa forma, notou-se que houve foco maior naquilo que diz respeito ao indivíduo acolhido, já que o Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora tem por finalidade garantir a proteção e o cuidado de crianças e adolescentes que estejam em alguma situação de violação de direitos no ambiente familiar (PINHEIRO e VIDIZ, 2021a). Portanto, entendendo que a família acolhedora tem um papel fundamental para o SFA, subentende-se que ela deve ter consciência e protagonismo como tal. Sendo assim, cabe a ela compreender que o acompanhamento realizado pela equipe técnica também é direcionado para a família acolhedora e as questões acerca da experiência do acolhimento.

3.4 ATIVIDADES GRUPAIS ENTRE AS FAMÍLIAS ACOLHEDORAS

A metodologia de acompanhamento da família acolhedora relata as etapas iniciais de seleção, formação e cadastro da família que voluntariamente decide acolher, etapas que se baseia em estratégias variadas, o acompanhamento individual é demasiadamente importante, inclusive os encontros em grupos, que reúnem mais de uma família são fundamentais e necessários para o trabalho. As reuniões em grupos podem fornecer um espaço de reflexão, apoio emocional e troca entre as famílias participantes e atuantes no programa, podendo aprender umas com as outras sobre dificuldades, medos, expectativas e questões relacionadas ao desenvolvimento dos acolhidos, ou o período em que o indivíduo está vivenciando. Contudo, pode-se dizer que essa é uma estratégia rica e valiosíssima, uma vez que essas famílias podem

usufruir desse recurso para sua melhor formação e atuação continuada, pois os grupos além de oferecerem suporte emocional, também têm a possibilidade de se aprofundar em temas variados e específicos, com profissionais qualificados, juntamente com a equipe técnica do serviço (PINHEIRO E VIDIZ, 2021e).

Além disso, o Manual de Acolhimento Familiar (PARANÁ, 2018) diz que uma das orientações técnicas desenvolvidas pela equipe, para o serviço de acolhimento, baseia-se em obter infraestrutura mínima que possibilite que a família acolhedora, juntamente com outras famílias, possa usufruir de um espaço em uma área específica, a fim de realizar as atividades técnico-administrativas, como, por exemplo: *“Sala para Reuniões: Com espaço e mobiliário suficiente para a realização de reuniões de equipe e de atividades em grupo”*. O Guia de Acolhimento Familiar descreve que o ideal é que esses encontros aconteçam no mínimo mensalmente e com todas as famílias acolhedoras, que estão acolhendo ou não, e sejam realizadas na sede do SFA (PINHEIRO E VIDIZ, 2021e). Em relação a terapias em grupo, entende-se que moldam cada indivíduo, com personalidades variadas, isso ocorre por meio da orientação, do esclarecimento, do apoio, da proteção e da assistência, compartilhando valores, atitudes e percepções, juntamente com a história do grupo (RIESS, 2010).

Baseado nisso, foram relacionadas questões que identificam o funcionamento e a efetividade desses grupos e qual a relevância que as atividades oferecidas pelo SFA podem favorecer às famílias no período de acolhimento. Ao serem questionadas, algumas famílias relataram que as atividades em grupos acontecem, mas com pouca frequência. A P1 relatou que foi em algumas atividades oferecidas pelo SFA e que a equipe técnica comandava essas reuniões, porém, em um período de tempo longo entre uma reunião e outra, observe o relato, a entrevistadora perguntou: *“As atividades acontecem com bastante frequência?”* e a P1 respondeu:

Não! Com muita frequência não. Essa com todas as famílias ocorre uma vez por ano, mas assim as palestras que tem é mesmo contínuo quando você tá se preparando para entrar na família acolhedora, aí quando começa, você vai e faz um curso, você participa ali uma semana e depois você vai sendo acompanhada pelas psicólogas, pelas assistente social. Se tiver dúvida pode ligar, pode conversar, eles ligam, eles podem responder por WhatsApp, é tudo muito... como é que eu vou dizer... tudo que a gente pede eles têm uma resposta. Talvez eles queriam fazer muito mais, mas como eu disse, eles fazem conforme o que tem, precisa de mais gente que está disposto a investir mais nessa área.

A P2 descreve como ocorreram as atividades em grupo no período em que ela estava acolhendo e a entrevistadora perguntou: *“E quando você estava acolhendo, a equipe ou serviço, eles chamaram vocês para alguma atividade em grupo com outras famílias acolhedoras? Já chegou a participar?”* e a P2 respondeu: *“Não, a gente tinha reuniões mensais né uma vez por*

mês, reunia todas as famílias e fazia atividades em grupo, muito importante inclusive, mas foi diminuindo bastante”. Já a P3 expõe que as reuniões aconteciam, segue o relato: “Sim, a gente tem lives, né? Em grupo e ali, durante essas lives ou até mesmo as reuniões agora está sendo presencial, né? A gente leva o que está acontecendo na família mesmo”. Entretanto, um dos participantes explicou que as atividades em grupos e reuniões não acontecem na cidade onde reside. Relata a P4: “Não, isso não acontece aqui na cidade. Isso não acontece tanto que a gente não sabe nem quem são as outras famílias. Entendeu? Ah, tem mais 3 famílias acolhedoras, ponto. Não, não há, esses encontros, não há.”.

Após a identificação sobre a existência de encontros grupais, levantaram-se questões sobre a relevância e a importância dessas reuniões sob a ótica dessas famílias. Todos os participantes expuseram sua opinião sobre e relataram que são demasiadamente significativas e valiosas para enfrentar as dificuldades durante o processo de acolhimento. A P1 nos diz: “*Eu acho que tudo ali me chama atenção, tudo ali é muito importante, eu acho importante como ele se doam, eles se entregam muito.*”. A P2 nos relata: “*interagir com outras famílias né, conhecer uma outra, saber o que a outra pensa, cada um tem uma visão né, isso era muito importante [...] Troca de conhecimento.*”. A P3 aponta:

Se aprende com outras famílias, sabe? Você aprende assim, né? Que a mesma dificuldade que eu tenho em estar com outra pessoa estranha dentro de casa. A outra família também tem essa dificuldade, né? E o que eles trazem de bom para a gente também, que geralmente, todos nós temos o mesmo pensamento [...] E esses trabalhos em grupo ajuda a gente a abrir a mente, né? Abra a mente da gente e que nem eu falei para você o carinho, o amor, a gente vê. [...] É isso que eles têm para oferecer. Também, né? E A gente vê assim também que a necessidade hoje que precisa muito, sabe, a necessidade deles, né? Tá assim, a dificuldade é a mesma, né? Da educação, que nem eu falei para você, né? Para ensinar o que é certo, o que é errado, né? E os outros grupos, a gente aprende nessa roda aí, né?

A P4, mesmo não tendo essa vivência, afirma: “*Olha, é uma troca, né? Eu acho que tudo é válido.*”. Portanto, entende-se que o fato de praticar atividades em grupos com as famílias acolhedoras favorece a qualidade do acolhimento, proporcionando às famílias momentos de partilhas, resoluções de problemas e conflitos, exposição de dúvidas e vivências relacionados ao indivíduo acolhido, ainda assim, possibilita que as famílias se conheçam e estabeleçam vínculos afetivos, amparando-se umas às outras. Com a pesquisa, identificou-se que essas atividades não ocorrem com a frequência indicada pelos Guias de Acolhimento Familiar (PINHEIRO e VIDIZ, 2021c), e que em alguns casos, não ocorrem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora (SFA) é uma modalidade de acolhimento e o objetivo é a proteção integral de crianças e/ou adolescentes que necessitam do afastamento temporário de sua família de origem. Voluntariamente, famílias podem se inscrever e oferecer acolhimento provisório aos indivíduos, que são selecionadas e preparadas pela equipe do serviço (BRASIL, 2009). Entende-se que o acolhimento familiar causa um impacto positivo na sociedade, oferecendo acolhimento humanizado e um ambiente saudável para o desenvolvimento do indivíduo. As famílias acolhedoras são fundamentais para o SFA acontecer e, com isso, deve receber um olhar diferenciado da equipe profissional do serviço.

No decorrer da pesquisa, identificou-se que as famílias acolhedoras reconhecem a importância do SFA para a sociedade e para as crianças e adolescentes atendidos pelo serviço, mas pouco falam da própria atuação. Entendem seu papel como coadjuvantes e não levam à equipe técnica suas questões subjetivas acerca do acolher, pois seu foco são as questões que envolvem o acolhido. Há um período de preparação e capacitação dessas famílias acolhedoras, contudo, conforme a complexidade do caso, o acolhimento familiar pode mudar toda a dinâmica da família. As famílias acolhedoras indicaram que não estão desamparadas e recebem orientações sobre suas questões acerca do manejo com os acolhidos.

Compreendendo o trabalho do SFA e os papéis da família acolhedora e da equipe técnica antes e durante o acolhimento familiar, levantou-se o questionamento: quais são os efeitos do acompanhamento psicológico às famílias acolhedoras inscritas e atuantes no Serviço de Acolhimento Familiar? Com base nos resultados, observou-se que o acompanhamento psicológico realizado ocorre conforme descrito pela legislação que orienta a execução do SFA e geram um impacto positivo e significativo na experiência do acolhimento como um todo, tais como: o sentimento de amparo, a confiança e a autonomia da família acolhedora. A dupla psicossocial realiza o acompanhamento por diversos meios, além das visitas domiciliares, também de forma remota, tornando a equipe mais próxima e proporcionando um relacionamento adequado e satisfatório.

Em relação às atividades em grupos, constatou-se que não estavam sendo realizadas conforme o Guia de Acolhimento Familiar estipula. Ele orienta que é importante que ocorram reuniões mensalmente, entretanto os participantes da pesquisa relataram que essas reuniões não acontecem, ou acontecem com baixa frequência. Participar das atividades em grupo proporciona às famílias apoio emocional, compartilhando experiências, criando ambientes com vínculo reconfortante e encorajador, reduzindo o isolamento e estimulando o desenvolvimento social. Todos os participantes destacaram a valiosa experiência que podem adquirir com essas

atividades, auxiliando na formação continuada das famílias acolhedoras, com trocas de conhecimento e estratégias para enfrentar as dificuldades.

A ausência de atividades em grupo impactou no método de seleção, pois a intenção seria realizar a seleção dos participantes pelo método *Snowball Sampling* (BOCKORNI, 2021), inicialmente de 5 (cinco) participantes. Esperava-se que as famílias acolhedoras tivessem momentos de interação por meio dos encontros, porém, à medida que o processo de seleção caminhava, notou-se que isso não ocorria. Os participantes entrevistados relataram que, além de não terem participado de atividades em grupo, não tinham contato com outras famílias acolhedoras, o que impossibilitou a contribuição com indicações. Dessa forma, a seleção foi realizada por meio de uma busca ativa e finalizada com a amostra de 4 (quatro) participantes.

Por fim, com esta pesquisa pretende-se aprofundar o conhecimento acerca das experiências e necessidades das famílias acolhedoras que atuam no acolhimento familiar e contribuir para o conhecimento científico acerca do Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Título original: *L'analyse e contenu*. Presses Universitaires de France, 1997. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Capa de Alceu Saldanha Coutinho, Direitos reservados por todos os países de Língua Portuguesa. Distribuidor do Brasil: Livraria Martins Fontes. Rua Conselheiro Ramelho, 330-340 - São Paulo.

BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. **A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração**. Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 105-117, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/empresarial/article/view/8346/4111>. Acesso em: 24 mai. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 abr. 2023.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/o-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>. Acesso em: 10 abr. 2023.

_____. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990 - Atualizado: Brasília 2022.

_____. **Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária.** Brasília – DF, 2006. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/Plano_Defesa_CriançasAdolescentes%20.pdf. Acesso em: 25 abr. 2023.

_____. **Orientações técnicas:** serviços de acolhimento para crianças e adolescentes. Brasília: CNAS, Conanda, 2009.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano.** 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PARANÁ. Tribunal de Justiça. Corregedoria Geral de Justiça. **Manual de acolhimento familiar.** Orientações iniciais, v. 3. Curitiba: 2017-2018.

PINHEIRO, A.; VIDIZ, M. (org.). **Guia de Acolhimento Familiar: O Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora.** 1. ed. São Paulo: Instituto Fazendo História, 2021a.

_____. **Guia de Acolhimento Familiar:** Implantação de um Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora. 1. ed. São Paulo: Instituto Fazendo História, 2021b.

_____. **Guia de Acolhimento Familiar:** Parâmetros de funcionamento do Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora. 1. ed. São Paulo: Instituto Fazendo História, 2021c.

_____. **Guia de Acolhimento Familiar:** Mobilização, seleção e formação de famílias acolhedoras. 1. ed. São Paulo: Instituto Fazendo História, 2021d.

_____. **Guia de Acolhimento Familiar:** Acompanhamento da família acolhedora, da criança, do adolescente e da família de origem. 1. ed. São Paulo: Instituto Fazendo História, 2021e.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico:** Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2º Edição. Universidade FEEVALE. Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>. Acesso em: 16 mai. 2023.

RIESS, M. L. R. **Trabalho em grupo:** instrumento mediador de socialização e aprendizagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED/UFRGS. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/35714/000816117>. Acesso em: 30 out. 2023.

SANTANA, L. T. **Considerações acerca do acolhimento familiar:** as motivações predominantes para acolher uma criança. 2022. 29 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Garantia dos Direitos e Política de Cuidados à Criança e ao Adolescente). Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/32590>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SUSTER, C. R. **Acolhimento Familiar para Famílias Acolhedoras:** sentidos e significados. Rio Claro, 2017. 209 p. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181666>. Acesso em: 25 abr. 2023.

VALENTE, J. **Família Acolhedora**: as relações de cuidado e de proteção no serviço de acolhimento. São Paulo: Paulus, 2013.